

2020

Christiana Galanopoulou

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o maior medo da população passou a ser a destruição nuclear da vida humana. Era um medo alimentado pelas potências em oposição durante a Guerra Fria e deu origem a um grande número de obras de arte a propósito da paisagem distópica do «dia seguinte».

Lembro-me de crescer com o medo de uma guerra nuclear. Nos anos oitenta, quando era adolescente, ainda havia União Soviética, o medo de um holocausto nuclear pairava no ar e muitos artistas protestavam e exigiam paz. Ninguém imaginou que o medo de uma pandemia iria substituir este medo — mesmo quando foi descoberto o VIH-SIDA.

Por causa do medo da guerra nuclear ou de bombas de gás, logo a seguir à Segunda Guerra Mundial, sempre que um bloco de apartamentos era construído em Atenas, acrescentava-se um *bunker* para que os habitantes pudessem ter um último refúgio em caso de guerra. Um prédio que tivesse um abrigo subterrâneo era considerado uma melhor opção e os apartamentos eram mais caros de arrendar ou comprar.

Vivo em Atenas num prédio erigido em 1951 e, por mais estranho que possa parecer, tem realmente um bunker: duas grandes salas feitas de betão maciço debaixo de terra. Há uma pequena conduta de ar invisível do exterior (que se pode fechar se o ar estiver contaminado) para permitir entrar o ar e o acesso ao *bunker* é feito através de uma abertura muito pequena (minimizando a superfície não coberta por betão) com uma porta hermética de ferro, parecida com as portas dos submarinos.

Em caso de ataque, e se o *bunker* tivesse de ser utilizado, os habitantes do prédio eram aconselhados a deixar os seus bens pessoais nos apartamentos e trazer com eles apenas o absolutamente necessário, incluindo as máscaras de gás. Depois, tinham todos de se apertar para caber o *bunker*. Doze famílias teriam de partilhar cerca de 60 metros quadrados. Quando visitei o bunker do meu prédio há uns dias, veio-me à cabeça uma imagem engraçada: um ataque de gás na era do Coronavírus – levaria as pessoas a entrarem no bunker tentando ao mesmo tempo manter a “distância social”?

Um olhar para esta antiga forma de defesa contra um “ataque inimigo” e a nova forma de defesa inventada em 2020 contra o “inimigo-vírus” revela uma coisa: em ambas as situações o confinamento é considerado uma defesa, mas em termos diferentes. Num caso, a salvação era o ajuntamento, no outro considera-se que a salvação está no chamado “distanciamento social”. Estes

dois extremos parecem ter um denominador comum: o medo do ataque de um “inimigo externo”. Mas se olharmos mais atentamente, veremos que há algo em comum entre os dois “inimigos externos”: ambos advêm da atividade humana. Do uso distorcido dos recursos da natureza. E, para ser mais precisa, da arrogância dos humanos em relação à sua espécie, à vida e à natureza. Mas há algo mais que é comum: a cultura de uma política do medo. Uma “cultura do medo” cuidadosa e eficazmente inculcada na sociedade. Uma política que resulta na sensação de solidão e de desamparo, alimentada de todas as formas possíveis.

Quando é que as pessoas se sentem completamente desprotegidas e mais vulneráveis? No reino da solidão. Sozinhas. Sentindo que a sua comunidade se desfez. Ou em frente a um inimigo invencível contra o qual não conseguem lutar sozinhas, mas que também não conseguem combater em conjunto com a sua comunidade. Mas há outra questão que se coloca: como é que nós, enquanto sociedade, cedemos aos nossos representantes o direito de usar a política do medo? Há alguma forma de lutar contra as políticas do medo?

No curto período de confinamento e desconfinamento, vimos a imagem de um mundo que só conhecíamos da literatura distópica, um mundo onde não sabemos se queremos viver.

Vimos pessoas a morrer sozinhas, enquanto os mais próximos as observavam através de um écran, sem poder pegar-lhes na mão durante essa passagem. Vimos os nossos sistemas educativos a tentar persuadir crianças de que outras crianças constituem um perigo; pessoas mais velhas com medo de abraçar os netos e pessoas isoladas a ficar cada vez mais sozinhas e a perder gradualmente o apego à vida. E, no entanto, essas imagens não apagaram as de crianças a morrer de fome noutras partes do mundo, as de refugiados a fugir de guerras, as de sem-abrigo a morrer sozinhos nas ruas; foram apenas sobrepostas a estas. O número de suicídios do período de pós-confinamento ainda está para ser contado, mas a depressão colectiva já é palpável.

E como é que pretendemos reagir a tudo isso?

Toda a gente parece concordar que a saúde é uma prioridade. Mas será a saúde possível num ambiente social e político não saudável?

E como é que estamos a tentar curar a doença?

Estamos a tentar curá-la ou apenas a tentar evitar lidar com ela?

Estamos à espera de que o isolamento e fragmentação das sociedades seja a cura para alguma coisa?

Como é que as sociedades reagiram a pandemias antes de nós?

Será a doença um fenómeno puramente biológico?

Será uma pandemia sequer um fenómeno biológico, considerando que as únicas componentes da palavra são “pan” (todos) e “demos” (cidade - no sentido de sociedade organizada de cidadãos)?

Podemos encarar uma **pandemia** como uma doença da **democracia**?

Será que passar por uma pandemia revela problemas essenciais e profundos numa sociedade organizada?

Será que uma crise a um nível (neste caso, o biológico) revela uma crise mais profunda a outros níveis?

Na Grécia antiga, uma pandemia era interpretada como sinal de um abuso de poder fatal por parte dos líderes e como um castigo da sociedade pelas suas más decisões.

Em alguns casos podia ser interpretada como mostrando a necessidade de mudanças políticas profundas que refletissem a cura da doença social.

Se é a crise é social, política, democrática, qual será a causa?

Quão profundo poderá ser o diagnóstico que façamos?

Se percebermos as verdadeiras causas desta crise, será que as podemos tratar?

Queremos sequer tratá-las?

Quando uma sociedade sofre, será esse um tema político?

Quando uma sociedade sofre, qual é a cura? Haverá cura?

O sofrimento do humanismo é um sintoma ou uma causa?

O que nos aconselhariam Platão ou Aristóteles?

A doença de uma sociedade é uma questão de cidadania?

Mas como é que acabámos a discutir a cidadania?

Talvez porque este seja o assunto mais fundamental que temos de encarar enquanto sociedade ...

Esta situação é nova? Ou é uma nova fase de uma realidade que já estava a deteriorar-se?

Pessoalmente, não consigo vê-la fora do seu contexto histórico e de uma série de acontecimentos que se foram acumulando e que levaram até ela. Na minha opinião, o que vivemos agora já existia na sociedade, fazendo parte de uma crise de cultura e valores que durava há muitos anos, mas que tínhamos medo de reconhecer, até que ela se tornou demasiado óbvia.

No curto período de confinamento muitos problemas visíveis ou invisíveis da sociedade vieram ao de cima. A tremenda incerteza parece atingir apenas os mais fracos em todos os sentidos – e antes de mais, no plano financeiro. Os mercados parecem não temer tanto. O que significa que, mais uma vez, a economia globalizada parece ser capaz de sobreviver sem sequer se preocupar com os seres humanos. Vimos a fome tornar-se uma ameaça visível. E vimos a vida humana esmagada como se

não valesse nada. É assim que vai ser? É este o mundo com que sonhámos? É este o mundo em que queremos viver? Conseguimos imaginar um mundo sem a magia do contacto humano? Será um mundo capaz de produzir arte? E se vier a haver arte, pelo que deve ela lutar?

Não tenho medo de viver num mundo sem voos, mas tenho medo de um mundo sem valores que não sejam os financeiros. Não tenho medo de viver num mundo sem luxo. Mas tenho medo de um mundo sem abraços e ternura, de um mundo sem encontros profundos e espontâneos no espaço real, sem experiências humanas profundas e transformadoras; sem as reações químicas que permitem que os encontros deem origem a qualquer coisa; sem a coexistência social e política; um mundo sem tudo o que inspira as relações humanas e a grande arte.

Imaginar um mundo como o queremos sempre foi uma prática revolucionária. E para mim deveria ser esse o tema agora: imaginar por que tipo de mundo vamos lutar. E encontrar formas de lutar por ele em conjunto, como cidadãos, custe o que custar.

Christiana Galanopoulou é uma historiadora de arte, curadora, programadora de festivais, dramaturga e autora de textos sobre arte. É a diretora artística do **MIRfestival** em Atenas, um festival de performances/*live media*/aventuras imagéticas que a própria fundou em 2008 (www.mirfestival.gr). Colaborou com várias instituições culturais gregas e europeias e comissariou e coproduziu obras de arte. Em 2000, fundou **VideoDance**, um festival sobre o movimento e a imagem em movimento, que dirigiu até 2007. Estudou Arqueologia e História de Arte na Universidade de Atenas e tem um mestrado em Estudos de Curadoria pela Universidade de Essex e um DEA em História da Arte Contemporânea pela Universidade Paris I Panthéon-Sorbonne. É investigadora e encontra-se a preparar o doutoramento na Universidade de Atenas. A sua pesquisa centra-se na intersecção entre a cultura audiovisual contemporânea e a *performance* e formas contemporâneas de artes performativas. Tem publicado artigos sobre dança, artes performativas e artes do audiovisual. O seu trabalho incide sobre conceitos utópicos nas artes performativas contemporâneas.

2020

Christiana Galanopoulou

After the end of World War II, the biggest fear of people was a nuclear destruction of the human life on the planet. This fear was nurtured by the opponent powers during the Cold War era and it gave birth to a big number of artworks about the dystopic landscape of the «day after».

I remember growing up in the fear of a nuclear war. In the 1980s, when I was a teenager, USSR still existed, a fear of a new nuclear holocaust was hovering and many artists were protesting against it and demanding peace. Nobody ever imagined that the fear of a pandemic would replace this fear – even when AIDS HIV was first discovered.

Because of the fear of a nuclear war or gas bombs, when a block of flats was being built in Athens right after World War II, in the 1950s, a bunker was added underground, so that the inhabitants can find there a last refuge if there was a war. If a building had an underground shelter it was considered to be a better option, and the flats of the building were more expensive to rent or to buy.

I live in Athens in a building erected in 1951 and, strange as it might sound, it does have a bunker: two big rooms made of solid concrete in the underground. There is a small air duct invisible from the outside to provide air (which one can close if the air is poisoned) and the access to the bunker is through a very small door (minimizing the surface that is not covered by concrete) with an iron air-tight door, similar to the ones of submarine ships.

In case of an attack and if the bunker was to be used, the inhabitants of the building would be advised to leave their personal affairs in their flats, and only take the absolutely necessary with them, including gas masks. Then they would all squeeze in the bunker. 12 families would have to share about 60 square meters. Visiting the bunker of my building a few days ago brought a funny image to my mind: a gas attack in the Coronavirus era – would it force people to get in the bunker trying to keep the “social distance” rules at the same time?

A glance at this old kind of defence against the “enemy’s attack” and the recent kind of defence invented in 2020 against the “virus-enemy” could reveal something: Confinement is considered to be a salvation in both cases, but under different terms. In one case crowding was salvation, in the other the so-called “social distancing” is considered to be. It seems like those two extremities have a common denominator: the fear of an attack of an “external enemy”. But if we look closer, we will see that there is something very common concerning the two “external enemies”: they both derive from the human activity. From the distorted use of nature’s resources. And to be more precise, from the arrogance of humans against their species, against life and against nature.

But there is something more that is common: the culture of a policy of fear. A “culture of fear” built carefully and effectively in the society. A policy that results into the feeling of loneliness and defencelessness, which is nurtured in every possible way.

When do people feel completely defenceless and more vulnerable? In the realm of loneliness. Alone. Feeling that their community is broken. Or in front of an invincible enemy that they cannot fight alone but neither can they fight together with their community. But there is another question here: how did we as a society cede to our representatives the right to use the politics of fear? Is there a way to fight against the policies of fear?

In the short time of confinement and de-confinement we have seen the image of a world we only knew from dystopic literature, a world we do not know if we want to live in. We have seen people dying alone, while their keens were looking at them from a screen, not being allowed to hold their hand during this passage. We have seen our educational systems trying to persuade little kids that the other kids constitute a danger; elderly people being scared to hug their grand-children and isolated people getting more and more lonely and gradually losing their appetite for life. And yet, the above images did not erase the ones of children dying of famine in other parts of the world, the ones of refugees fleeing wars, the ones of homeless people dying alone in the streets; they were just superposed on them. The number of suicides of the post-confinement period is yet to be counted, but the collective depression is already palpable.

And how do we intend to react to all that?

Everyone seems to agree that health is a priority.

But is health possible in an unhealthy social and political environment?

And how are we trying to cure the disease?

Are we trying to cure it or just to avoid dealing with it?

Do we expect seclusion and fragmentation of societies to be a medicine for anything?

How did societies react to pandemics before us?

Is a disease a purely biological phenomenon?

Is a pandemic a biological phenomenon at all - considering that the only components of the word are “pan” (all) and “demos” (city-in the sense of an organized society of citizens)?

Could we see a *pandemic* as a disease of *democracy*?

Does suffering from a pandemic reveal deep, fundamental problems in an organized society?

Does a crisis in one level (in this case the biological one) reveal a deeper crisis in other levels?

In ancient Greece a pandemic was interpreted as a sign of a fatal misuse of power by its leaders and as a punishment of the society for its wrong decisions.

In some cases it could be interpreted as a need for deep political changes reflecting the cure of the social disease.

If the crisis is social, political, democratic, what could be the cause?

How deep could we go into diagnostics?

And if we get to realize them, could we cure the very fundamental causes of this crisis?

Do we even want to cure them?

When a society suffers, is it a political issue?

When a society suffers, what is the cure? Is there a cure?

Is the suffering of humanism a symptom or a cause?

What would Plato or Aristotle advise us?

Is the disease of a society a question of citizenship?

But how did we end up discussing citizenship?

Maybe because this is the most fundamental issue we have to face as a society...

Is this situation new? Or is it the new stage of a deteriorating reality? Talking personally, I cannot see it out of its historical context and out of a series of events that were accumulated and led to it. To my opinion what we live now has already been there in the society, as part of a value and culture crisis for many years now, but we were afraid to admit it before it became too obvious.

In the short confinement period many hidden or invisible problems surfaced. The tremendous uncertainty only seems to be harming the weaker ones in all senses – and first of all in the financial plan. Markets do not seem to fear so much. Which means that once more the globalized economy seems to be able to survive without even caring about human beings. We have seen hunger becoming a visible threat. And we have seen human life being crushed as if it was worth of nothing. Is this what it is going to be? Is this a world we dreamt of? Is this a world we want to live in? Can we imagine a world without human touch? Can we imagine the world without the magic of the human contact? Is this a world which can produce art? And if we are to have art, what should this art stand up for?

I am not afraid to live in a world without flights, but I am scared of a world without values other than the financial ones. I am not afraid to live in a world without luxury. But I am scared of a world without hugs and tenderness, of a world without deep and spontaneous encounters in the real

space, without deep, life-changing human experiences; without the chemical reactions that enable encounters to give birth to something; without social and political coexistence; a world without all that is inspiring human relationships and great art.

Imagining a world as we want it has always been a revolutionary practice. And for me this should be the issue right now: to imagine what kind of a world we will fight for. And to find the ways to fight for it together as citizens, whatever it takes.

Christiana Galanopoulou is an art historian, curator, festival programmer, dramaturge and author of texts on art. She is the artistic director of **MIRfestival** in Athens, a performance/ live media/ image adventures festival, which she founded in 2008 (www.mirfestival.gr). She has collaborated with numerous Greek and European cultural institutions and she has commissioned and co-produced art works. In 2000 she founded **VideoDance**, a festival on movement and the moving image, which she directed until 2007. She studied Archaeology and Art History at the University of Athens, and she holds an MA in Curating and Gallery Studies from Essex University and a DEA in Contemporary Art History from Paris I Panthéon-Sorbonne. She is a PHD researcher in the University of Athens. Her work focuses on the intersection between contemporary audio-visual culture and performance and on contemporary forms of performing arts. She has published articles on dance, performing arts and audio-visual arts. Her work focuses on utopian concepts in contemporary performing arts.